



## **Gordura e Feminilidade: Apontamentos sobre Beleza e Inclusão na Cultura Contemporânea**

**Karen Grujic Marcelja<sup>1</sup>**

**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo**

### **Resumo**

A revisão bibliográfica aponta para uma compreensão de que o aumento da incidência do sobrepeso e da obesidade, independentemente da faixa etária e classe social, se traduz na relação dos indivíduos gordos a estereótipos negativos, ou seja, a características que os inferiorizam ou os excluem no convívio em sociedade.

Este trabalho busca levantar a importância que o excesso de peso ganhou em nossa sociedade. Como foi que o oscilar do ponteiro da balança passou a mobilizar tantos esforços na medicina, na estética e nos esportes, a ponto de definir modos de vida, comportamentos e caráter dos indivíduos? Em um olhar que abrange retrospectiva histórica da mídia e questões emocionais ligadas à obesidade, o texto fará uma breve análise de como as mulheres são atingidas pela preocupação com o peso em aspectos estruturais do gênero, como a feminilidade, a sexualidade e a maternidade.

**Palavras-chave:** Obesidade;feminilidade;inclusão;beleza.

### **Introdução**

Estrelas de Hollywood, Jennifer Aniston, Mirella Santos, Lady Gaga e até a diva Madonna já testaram a dieta da papinha de nenê. O método consiste em ingerir até 14 potes de papinhas de sabores sortidos, como grãos, frutas e legumes. À noite, recomenda-se a ingestão de alimentos com baixo teor calórico.<sup>2</sup>

A recomendação, retirada de uma revista feminina, é apenas mais uma entre as dezenas, centenas, talvez milhares que integram o repertório para a perda de peso rápida. Não é preciso ir muito longe para encontrar receitas de pílulas com

<sup>1</sup> Jornalista; mestre em Gerontologia e doutoranda do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Bolsista CAPES. E-mail: kgmarcelja@gmail.com.

<sup>2</sup> Disponível em <http://corpoacorpo.uol.com.br/dieta/dieta-de-emergencia/dietas-da-moda-mitos-e-verdades/dieta-da-papinha-de-nene/1412/2#>, acessado em 4 de maio de 2016.



ingredientes suspeitos e eficácia duvidosa, regimes radicais e “definitivos”, exercícios infalíveis para queimar os excessos e por aí vai. E não basta que o ponteiro da balança recue ou que se apresente um corpo saudável: é preciso, sobretudo, ter a aparência desejada, o que inclui atributos como juventude, pele alva, cabelos lisos, nariz fino... Em nossa cultura, acostumada a rotular os indivíduos conforme sua aparência, não é suficiente combater o sobrepeso – é preciso, também ter corpo firme, musculoso e definido (Lipovetsky, 2000). Problemas com a má aparência, e em primeiro lugar com a gordura, são considerados os piores tipos de desleixo com o corpo. São, por conseguinte, concebidos como uma transgressão moral, traduzindo um modo inadequado de relacionamento com o corpo, no qual estão excluídos: exercícios físicos regulares, esforço, disciplina, persistência, obstinação e autoestima (Novaes, 2006:98), características tão estimuladas em nossa sociedade consumista Pós-Moderna. A beleza, como veremos adiante, recai muito mais sobre esforço individual do que sobre o acaso da natureza, a ponto de as qualidades estéticas estarem associadas a determinadas formas de conduta pessoal. Nada mais associado à beleza, porém, do que a feminilidade. Cuidar de si é algo *próprio* das mulheres, como se ainda infância compreendessem que lhes cabe o papel de agradar, buscar admiração, reconhecimento e aprovação social por meio da aparência. Com efeito, prossegue Novaes, “*os cuidados físicos revelam-se, invariavelmente, como uma forma de se estar preparado para enfrentar os julgamentos e expectativas sociais (2006:99)*”. Assim, o investimento feito na aparência vincula-se à visibilidade social que se deseja alcançar – ou à invisibilidade, conforme o caso.

Cabe aqui enfatizar que se conhece os vários problemas que a obesidade acarreta para a saúde; apesar disso, é no campo da corporeidade e da exclusão social gerados pela gordura que este trabalho irá deter-se, dada a ênfase que nossa cultura dá à imagem, ao corpo e às aparências.

Ao longo dos anos, as revistas e a mídia de forma geral vêm emplacando métodos de emagrecimento que, se não resolvem a questão, ao menos atraem o interesse de quem está disposto a tentar – e gastar dinheiro – com essas tentativas. A



frivolidade e a banalidade com que esses temas são apresentados cotidianamente trazem a impressão de que a aparência é assunto superficial. No entanto, as discussões que a envolvem costumam acompanhar grande carga ideológica, permeada pela lógica de consumo. A regra é sempre alvos que fogem do padrão – e o que foge mais dele, na atualidade, do que a gordura?

### **O Dever da Beleza**

O corpo ideal ocupa posição de destaque entre as preocupações que nos atingem na Pós-Modernidade. Saúde perfeita, aparência jovem, beleza conforme os padrões e, principalmente, a magreza são hoje desejo e objeto de consumo, veiculados na mídia, prometidos pela medicina e vendidos por uma indústria cada vez mais abrangente e poderosa. Não por acaso, o corpo concentra discursos dos mais variados, que vão do estilo de vida às questões de gênero. Essa multiplicidade de temas, no entanto, é uma via de mão dupla: ao se submeter às mais diversas influências, o corpo também influencia a dinâmica geral da sociedade. A Pós-Modernidade, caracterizada pela fragmentação de ideologias e de relacionamentos, vive uma grande valorização da aparência e da postura corporal. Se antigamente a aparência denotava muito mais a identidade social do que a individual, hoje os modos de vestir e as práticas corporais sofrem influências como pressões de grupo, propaganda, recursos socioeconômicos e outros fatores que promovem mais a padronização do que a diferença individual.

Essa construção do corpo conforme padrões e desejos individuais enfatiza a possibilidade de identidades mutáveis. Temos, hoje, um mundo de opções abertas, o que faz o indivíduo ser responsável por ele mesmo. Por outro lado, essa liberdade pode ser também fonte de angústias, uma vez que nem sempre é fácil ou possível controlar os critérios que definem a aparência. De acordo com Castro, “o corpo torna-se elemento central na busca de sentidos e referências mais estáveis, talvez por constituir-se em único domínio ainda controlável pelos indivíduos” (2007:16). É nesse sentido que práticas corporais como tatuagens, cirurgias plásticas, musculação e outras promovem a inclusão identitária do sujeito, ao mesmo tempo em que



representam um mecanismo de controle sobre seu corpo. Em resumo: na lógica da sociedade de consumo, em que o ser é definido pelo ter, o corpo pode estar associado a uma ou outra posição social. Para pertencer ao grupo desejado, é preciso ter o corpo associado a esse grupo. A todo instante, vemos nos meios de comunicação, no cinema, na publicidade e na mídia em geral ideais subjetivos que associam à aquisição desse corpo à aquisição de bem-estar e status – ou seja, à filiação à tribo desejada. A relação entre consumo e corpo não é recente; desde meados do século XX, a publicidade e o cinema se empenham em criar e manter corpos que sejam objeto de desejo e, portanto, consumo – geralmente, jovens, magros e sedutores. Trata-se da aplicação prática daquilo que Marcel Mauss (1974) chamou de “imitação prestigiosa”, ou seja, a reprodução de corpos e comportamentos considerados exitosos em cada cultura. Segundo o autor, o corpo é uma construção cultural, que varia conforme cada sociedade e cada época. Podemos dizer que modelos, atores, esportistas e, mais recentemente, blogueiros e *youtubers* se encaixam nesse conceito, uma vez que inspiram jovens mundo afora a seguir seus hábitos, roupas e estilo de vida.

A construção do corpo ideal remonta ao final do século XIX, quando a prática de dietas e esportes com o fim de melhorar a aparência ganhou popularidade. Sabemos que na Antiguidade já havia a recomendação de comer moderadamente e praticar atividades físicas, inclusive para a prevenção e recuperação de doenças, mas foi por volta de 1890 que os cuidados com o corpo passaram a ser “obrigatórios” no cotidiano, especialmente para as mulheres. Nunca antes o peso havia sido tema de tantas discussões nem os obesos haviam sofrido tanto preconceito. É preciso lembrar que essas preocupações foram reflexos em contextos sociais da revolução tecnológica que se via principalmente na Europa e nos Estados Unidos. Não só a indústria avançava, buscando mais eficiência e mecanização, mas também a medicina se debruçava sobre o metabolismo e as possíveis formas de controlar o peso corporal. Além disso, não menos importante, a fotografia se popularizava, o que acabou por eleger padrões de beleza. Se até pouco tempo antes o corpo belo e sedutor era aquele



mais farto e flácido, agora ele era mais rijo e contido por espartilhos. Apesar das preocupações higienistas alimentarem a moda da gordinha por séculos – engordavam-se as mulheres muito magras para evitar que ficassem anêmicas ou histéricas -, apontam Del Priore e Freire, a obesidade começava a provocar interjeições negativas. As transformações vieram com o século XX:

Desde o início do século, na Europa, multiplicavam-se os ginásios, os professores de ginástica, os manuais de medicina que chamavam a atenção para as vantagens físicas e morais dos exercícios. (...) Na Europa, de onde vinham todas as modas, a entrada da mulher no mundo do exercício físico, do exercício sobre bicicletas, nas quadras de tênis, nas piscinas e praias, trouxe também a aprovação dos corpos esbeltos, leves e delicados. (..) O estilo ‘tubo’ valorizava curvas graciosas e bem lançadas. Regime e musculação começavam a modelar as compleições esguias que passam a caracterizar a mulher moderna, desembaraçada do espartilho e ao mesmo tempo de sua gordura decorativa. (...) Insidiosamente, a norma estética emagrece, endurece, masculiniza o corpo feminino, deixando a ‘ampulheta’ para trás (2005:221).

A feminilidade, outrora traduzida em trejeitos e vestimentas finas, agora ia além: era preciso que o corpo acompanhasse essa delicadeza, sendo alvo, leve e fino. Os corpos que fugiam desse padrão eram alvo de exclusão, estimulado pela força que a publicidade e os meios de comunicação já começavam a ganhar. Denise Bernuzzi de Sant’Anna lembra que a publicidade anterior aos anos 1950

não hesita em descrever detalhadamente os sofrimentos resultantes da falta de beleza. Vítima do acaso, uma ‘coitada’ alvo de todo tipo de chacota, a mulher considerada feia é uma figura extremamente importante para as didáticas ilustrações publicitárias do passado. Nelas, a imagem da feia serve como um contra-exemplo, como aquilo que se é antes do uso do produto anunciado. (2005:127)

A feiura, conceito subjetivo, esteve sempre relacionada à idade, ao excesso ou falta de peso, à cor da pele, ao tipo de cabelo, aos traços étnicos e a muitos outros padrões que foram mudando conforme as épocas e as culturas. Neste trabalho, consideramos um “conceito” mais moderno, porém igualmente subjetivo: em uma época com tantos recursos disponíveis na maquiagem, nos salões de beleza, nas clínicas de estética ou nos consultórios médicos, feiura seria a falta de cuidados com o



próprio corpo, o que segue a velha máxima do “só é feia quem quer”. Como afirma Sant’Anna,

Resultado da degenerescência da raça, fruto do acaso ou de uma vida viciosa e doente, a feiúra não se deve, ainda, à inconsistência de cada mulher diante de sua própria identidade. A feia daqueles tempos (cerca de 1950) é, sem dúvida, criticada. Mas não se sabe ainda aquilo que nos anos 60 se descobre: desde então, se dirá que uma mulher é feia porque, no fundo, ela não se ama. (2005: 128).

Temos, portanto, mais um fator para corroborar a ideia de que a beleza ou a feiura são qualidades que dependem de merecimento, ou seja, do esforço individual – e isso contempla, principalmente, a vaidade e a autoestima. Agora, já não basta ser bela: é preciso também ser feliz, ou, ao menos, transparecer felicidade.

Esse imperativo deve-se muito à popularização de Hollywood e das revistas femininas. Sant’Anna cita a grande influência das musas do cinema dos anos 1950, como Elisabeth Taylor e Sophia Loren, além da brasileira Martha Rocha, como integrantes de uma constelação de belas aparências que desfilavam nas páginas de revistas criadas naqueles anos. No Brasil, títulos como *Querida* e *Capricho* traziam páginas e páginas sobre os conselhos de beleza das divas, sempre em tom de conversa íntima, revelando “segredos” e prometendo que não valia a pena sofrer por falta de beleza. Ao lado desta nova tendência, lembra a autora, “*as regras de beleza prescritas pelos médicos e moralistas das décadas anteriores se tronam insuficientes, austeras e ultrapassadas*” (2005:128). Desde então, a beleza passa a ser vista como uma conquista. Os produtos, antes confundidos ou mesmo tratados como remédios, agora adquirem outro poder, graças à publicidade. Cremes, loções e itens de maquiagem recebem uma roupagem que os torna capazes de influenciar o psiquismo das mulheres, deixando-as bonitas e satisfeitas com elas mesmas. A publicidade abandona a imagem da mulher sofredora, e os anúncios passam a dar, cada vez mais, destaque às imagens do que ao texto. “*O importante é ressaltar a imagem da mulher bela, que, desde então, ousa reinar sozinha, em fotografias coloridas, ocupando páginas inteiras de revistas, sem tristeza e, sobretudo, sem passado*” (2005:129). Com tudo isso, parecia não haver mais segredos de beleza, já que tudo passava a ser





acessível às mulheres. Não só as da elite tinham acesso a perfumes, cosméticos e outros produtos – agora, esses itens estavam ao alcance de secretárias, professoras, funcionárias públicas e donas de casa. Não havia mais um momento específico para se tornar bela; era preciso fazê-lo cotidianamente, em um esforço frequente contra a feiura. Assim, em meados do século passado, recusar o embelezamento era uma negligência feminina, algo que deveria ser combatido. Segundo Sant’Anna, os defeitos da aparência eram resultantes unicamente de problemas individuais, que iam da falta de confiança em si mesma às frustrações secretas e inconscientes (2005:129). Esse julgamento cabia a todas as mulheres; no caso das mais velhas, por exemplo, os sinais da idade passavam a ser vistos muito mais como um “estado de espírito” passível de correção do que algo natural do decorrer dos anos. No caso do excesso de peso, o tratamento era ainda mais rigoroso, o que nos leva a crer que, lembrando o conceito de biopoder e corpos docilizados de Foucault, a balança é o panóptico da contemporaneidade.

Se fosse possível falar em representação platônica da feiura, aponta Novaes, ela conjugaria a ideia de excesso, desequilíbrio, desmedida, caos, enfim, tudo aquilo que se opõe à beleza, sendo, portanto, uma qualidade ruim. *“Em contraposição, como era de se esperar, temos a beleza associada ao bem e às virtudes do caráter, ou seja, à simetria, ao equilíbrio, à proporção, à ordem e ao esplendor”* (2006:245). Desde a Antiguidade a feiura é associada a pessoas que apresentam desvios de conduta. A percepção social julga o corpo gordo como resultado da preguiça, do desleixo, da indisciplina, da improdutividade e da falta de amor próprio e como contrário a tudo o que se encaixe nos conceitos de saudável e “normal”. A obesidade incomoda, talvez mais a sociedade do que o próprio gordo. De acordo com Fischler,

os gordos são considerados transgressores; eles parecem violar constantemente as regras que governam o comer, o prazer, o trabalho e o esforço, a vontade e o controle de si. Dito de outro modo, o obeso (seu corpo o trai) passa por alguém que come muito mais do que os outros, mais do que o normal, numa palavra: mais do que a sua parte (2005: 74).



Segundo o autor, países que no passado (cerca de cem anos atrás) amavam os gordos, por ser a gordura associada à prosperidade e à saúde, hoje amam os magros. O corpo bem feito, forte, com uma rotundidade razoável, era preferido ao magro, que denotava escassez, fraqueza e doença. A gordura estimula tal repulsa na sociedade contemporânea que é possível dizer que se trata de um “monstro” moderno. Adotamos, aqui, a noção de que monstro é definido como algo que foge à norma e afronta, ou questiona, a norma do humano. Landa, Leite Jr, Torrano afirmam:

A obesidade, do ponto de vista médico, se configura tanto como uma fonte de enfermidades e de riscos (incluindo a manifestação de disposições subjetivas de marginalização social), quanto como ameaça somático-política que atenta contra a crença sanitário-empresarial da (auto)liderança individual e comunitária. A volumosidade, flacidez e carnalidade amorfa do corpo obeso se constituem em marcas somáticas que confessam, através do registro visual, a transgressão dos cidadãos biológicos, que se apresentam em sua condição de desvio radical entre os limites do humano/não humano. (Landa, Leite Jr, Torrano 2013: 94)

Os autores acreditam que o corpo obeso perturba tanto porque o monstro em questão é um “interior externalizado”, ou seja, é a alteridade absoluta do humano e faz parte do interior de cada um de nós. A obesidade afeta de tal forma a vida de quem a possui que muitos chegam a acreditar que essa característica física se reflete também na personalidade do indivíduo, em razão de questões emocionais como a sensação de humilhação, desmoralização, vergonha ou deslocamento. Não é raro que o tratamento da obesidade inclua antidepressivos ou recomendação de exercícios leves, suficientes para trazer mais a sensação de bem-estar do que a queima de calorias. Tudo isso, segundo os autores acima citados, justifica a progressiva patologização da obesidade e inclusive sua classificação. O IMC (índice de massa corporal), hoje, é uma avaliação aceita mundialmente como o método mais eficaz de se determinar o grau de obesidade de uma pessoa. Este índice é calculado dividindo-se o peso em quilos pela altura em metros ao quadrado. Métodos como esse permitem diferenciar os grupos normais dos patológicos no interior de uma população específica, e assim justificar a implementação de políticas de saúde e prevenção da





obesidade (2013:98). Naturalmente, há críticas a esse tipo de índice, uma vez que homogeneiza as categorias e reduz sua complexidade, além de ignorar diferenças conceituais e neutralizar variações no interior das categorias recebidas. Até pouco tempo atrás, também no cotidiano a distinção entre robustez e obesidade era mínima. Hoje, chegamos a ter “categorias” para o peso, como magro, gordinho, robusto, gordo, obeso, obeso mórbido etc, que seguem critérios muitas vezes subjetivos, que variam conforme o apreço pela pessoa, a aparência, a idade e outros fatores. De qualquer forma, *“era preciso sem dúvida, no passado, ser mais gordo do que hoje para ser julgado obeso e bem menos magro para ser considerado magro”* (2005:79).

Para as mulheres, no entanto, essas categorias parecem não importar: a gordura se apresenta, no imaginário contemporâneo, como a forma mais representativa de feiura. Talvez por isso, a preocupação com excessos de 2kg, 5kg, 10kg, 20kg ou mais tenha a mesma intensidade. Em pesquisa que entrevistou mulheres candidatas à cirurgia bariátrica, Novaes averiguou que muito das falas traziam certo ressentimento por essas mulheres não se considerarem atraentes o suficiente para atrair a atenção do sexo oposto. A autora tratou a questão como “olhar social que dessexualiza as pessoas gordas”. De acordo com ela, *“encaradas como aversivas, por não serem esteticamente agradáveis, lhes atribuímos o papel de ridículos-palhaços, negando-lhes o direito a uma vida amorosa e sexualmente ativa”* (2006:191). É frequente, entre as entrevistadas, o sentimento de inadequação e ridículo ao qual as pessoas gordas sentem-se expostas. No mundo da moda, muitas vezes o que é sensação passa a ser realidade, já que ainda são poucas as marcas que se interessam em trabalhar com tamanhos maiores, ao contrário do que ocorre, por exemplo, nos Estados Unidos. A falta de opções com manequins específicos para o público obeso ou revistas com modelos gordas vestindo roupas sensuais e da moda acaba resultando em uma dessexualização das pessoas gordas, além, é claro, de uma segregação. A moda apenas reforça o que se vê, desde sempre, no cinema, na televisão e em outros meios. Apenas as pessoas esteticamente perfeitas são “aptas” a ter histórias de amor e relações sexuais, quase sempre satisfatórias. São raras as



ocasiões em que gordos, feios, pessoas com deficiência ou velhos aparecem nessas situações. Nosso imaginário não está habituado a ver os feios vivendo esse tipo de realização, o que nos leva a associar a sensualidade à beleza e a glorificar a “tríplice aliança” formada por beleza, magreza e felicidade. Mais grave é algo que ocorre com frequência: o próprio obeso demonstrar olhar preconceituoso e estigmatizante a seu próprio respeito, utilizando termos e estereótipos em seu discurso.

### **Gordura como Entretenimento**

O gordo, além de ridicularizado, é considerado “público” – todos têm um comentário, um palpite, uma dica ou uma repreensão a fazer para quem consideram que precisa emagrecer. Os meios de comunicação sabem disso, tanto é que, nos últimos anos, praticamente todos os canais de televisão oferecem um programa, uma reportagem, um especial ou qualquer outro espaço que aborde o emagrecimento. O formato dos programas costuma ser o de *reality show*, em que obesos com excesso de peso de moderado a severo se submetem a dietas, exercícios físicos e outros tratamentos. O resultado é mostrado pouco a pouco, às vezes em competição, às vezes no tom de “ajuda milagrosa”, quando entram em ação estilistas, dentistas e outros profissionais encarregados da repaginação do visual. O exemplo mais conhecido desse tipo de *reality show* é, provavelmente, *The Biggest Loser* (“O Grande Perdedor”, em tradução livre, sendo que aqui a perda tem o duplo sentido, já que, em se tratando de perda de peso, seria uma vitória), transmitido pelo canal fechado Discovery Home & Health. Cerca de vinte obesos, homens e mulheres adultos, são confinados em uma casa durante um ano e divididos em dois times, cada um comandado por rigorosos professores de ginástica. O programa mostra os participantes em situação quase sempre humilhante, fazendo exercícios que seriam moderados para um magro mas que, para eles, são sacrificantes, como correr na esteira ou fazer flexões. Também são mostrados outros mais extenuantes, como arrastar rodas de caminhão e manter-se pendurado em algum guindaste, como prova



de resistência. O sofrimento, o suor, os gritos, o cansaço e as dores físicas vão eliminando, semanalmente, um a um dos participantes, eleitos pelos demais – afinal, o reality mostra também a competição e a convivência nem sempre amigável entre eles –, até que a edição final mostra o vitorioso. A cada semana, todos os participantes são pesados em balanças gigantes, diante de um telão com a imagem do gordo em questão logo que entrou no programa, em trajes como top e bermuda, para as mulheres, e apenas bermuda, para os homens. Todos os excessos estão lá: O destaque é sempre o “antes X depois”, como uma prova de que o esforço e o sacrifício não poderiam trazer resultado melhor. É como uma redenção; a gordura ficou para trás junto com a preguiça e a letargia, dando lugar para uma alimentação equilibrada e exercícios físicos diários. Abriam-se as portas para uma vida de glamour, de roupas que servem, de paqueras correspondidas e de inclusão em um mundo até então negado. No caso das mulheres vencedoras, a comoção costuma ser maior, já que agora elas conseguem vestir as roupas e sapatos tão cobiçados e se encaixar melhor em padrões de beleza. Curiosamente, no *The Biggest Loser*, problemas de saúde comumente associados à gordura, como obesidade, diabetes e dores articulares, não costumam ser abordados, mesmo com todo o rigor das atividades físicas.

Como dito acima, programas similares não faltam. Existem os que mostram emagrecimento para caber no vestido de noiva (*Três Noivas Gordas, um Vestido Magro*), exibido por volta de 2014 no GNT; *Você É o que Você Come*, também no GNT, em que uma nutricionista se encarregava de mostrar os malefícios de uma dieta baseada em gordura e açúcar. Por vezes, os programas ganham contornos dramáticos. Recentemente, o documentário *Obesidade aos 15* mostrou o processo de emagrecimento de uma adolescente de 200kg que se internou em uma clínica de emagrecimento. Ela consegue perder peso, mas, quando os diretores a reencontram dois anos depois, ela está com 250kg. No Brasil também há programas do tipo. O mais conhecido é o quadro medida Certa, do dominical Fantástico, da Rede Globo, que convoca artistas e personalidades acima do peso para um programa que combina dieta e emagrecimento coordenado pelo educador físico Marcio Atala. Novamente, o



suor, o sacrifício e a dor são a atração principal. Nomes como o dos cantores Gaby Amarantos e César Menotti, o jogador de futebol Ronaldo e outros emagreceram bastante, porém voltaram a engordar pouco depois. Não cabe aqui a descrição de fatores biológicos que causam o efeito sanfona, e sim a espetacularização do processo de emagrecimento e a condenação de quem volta a ganhar peso. Na Rede Record, atualmente, o *Programa da Tarde* tem o quadro *Além do Peso*, que mistura obesos com relativa fama e anônimos em uma competição de perda de peso nos mesmos moldes dos programas já citados. É interessante observar que os participantes vestem camisetas coloridas que os identificam não só pelo nome, mas pelo peso – algo como “Eduardo – peso inicial: 117kg”.

Não menos apelo midiático têm as histórias de emagrecimento após uma importante fase da vida das mulheres: a gravidez.

### **Maternidade e Emagrecimento**

A busca frenética e incessante de uma estética da magreza condiciona a identidade feminina à imagem do seu corpo. Para Novaes, essa visão social da magreza (quando não política) oculta, geralmente, a dimensão de medicalização do corpo feminino: “criou-se um verdadeiro campo patológico da gravidez associado à gordura”. Os quilos a mais, além de feios, são nocivos e precisam ser exterminados. O que vale pare a vida cotidiana, porém, atinge a gravidez, um dos períodos da vida em que a mulher se encontra mais sujeita a, justamente, engordar. As marcas deixadas pela gestação, como estrias, manchas, varizes e flacidez, devem ser combatidas logo que o bebê nasce (ou mesmo antes, como prevenção), pois são responsáveis pelo envelhecimento e pelo prejuízo às formas duramente conquistadas. Mesmo com toda a carga hormonal da gravidez, gordura ainda equivale à doença. Não faltam estímulos para que se acredite nisso, como no texto sobre a fisiculturista Bella Falconi:

Bella engordou 13 kg durante a gravidez de Victória. Três dias após o parto, a musa já tinha perdido grande parte do inchaço e da barriga. O



resultado nove dias depois é surpreendente. Ela já perdeu 7 kg daqueles que ganhou em 9 meses e conta que agora está se dedicando a maternidade e que, embora pretenda, ainda não sabe quando vai voltar a treinar e a ter uma alimentação mais restrita. (...) Com mais de quatro anos de preparação para campeonatos de fisiculturismo, Bella tem o metabolismo e o conjunto muscular preparado e muito bem treinado. Esses fatores certamente contribuíram para a sua rápida recuperação. Mas, a alimentação também é importante. Embora não esteja restringindo nenhum grupo de alimentar como fazia antes da gravidez, a atleta mostra em seu Instagram que opta por opções sempre saudáveis e controladas.<sup>3</sup>

Novaes cita Remaury ao afirmar que, na colonização do nosso imaginário, “*a obsessão purgativa se faria notar em tudo aquilo que aumenta o corpo feminino. E gravidez certamente aumenta o peso*” (2006:213). A julgar pela ênfase com que as novas mães “fitness” são exaltadas na mídia, maternidade e corpo enxuto ou bem delineado são categorias excludentes. A maternidade traz a perda da forma física e, com isso, sofrimento psíquico, como o fato do não-reconhecimento do próprio corpo no espelho.

É histórica a associação entre beleza e fertilidade, sendo as duas qualidades referentes à feminilidade. Tal como ocorre com a gordura, o arsenal de recursos para que a mulher recupere seu corpo após dar à luz faz com que ela só se mantenha feia se assim o desejar. Entramos, aqui, em outro grau de discussão: o do corpo que carrega uma história. O corpo desejado e anunciado é como um corpo em branco, sem marcas, sem passado, sem algo a contar. É a valorização de um corpo oco, totalmente entregue às regras estéticas vigentes. Tratado apenas como “bumbum durinho”, “seios empinados” ou “barriga chapada”, o corpo é visto desconectado, como um verdadeiro amontoado de partes soltas sem significado. Seu envelhecimento vai se dando somente com marcas das intervenções às quais foi submetido. No caso da maternidade, é interessante notar que as queixas sobre o corpo não costumam abranger o novo papel de mãe, e sim o antigo papel de namorada ou esposa – ou seja, o lado sexual. Recaímos aqui, novamente, na oposição entre gordura e sexualidade. O

<sup>3</sup> Disponível em <http://www.bolsademulher.com/famosas/como-esta-a-barriga-da-bella-falconi-9-dias-apos-o-parto-4-fotos-que-surpreendem>, acessado em 12 de maio de 2016.



que está em questão, aparentemente, não é a realização pessoal ou o aspecto psíquico da maternidade, e sim a necessidade de atender a uma estética corporal tida como bela. O grau de angústia demonstrado com o excesso de peso indica o quanto a mulher depende do olhar de aprovação do outro, tanto para sentir-se segura como para sentir-se feminina. Os gordos não têm direito a isso; ao invés de desejo, provocam zombaria ao tentar exercer sua sexualidade. A gorda sensual é tida como exótica, bizarra, uma aberração da natureza ou mesmo um fetiche. Lembramos que existem até categorias dentro da indústria pornô que abrangem mulheres extremamente obesas.

### **Considerações Finais**

O corpo é o centro das aspirações de perfeição e símbolo de uma sociedade evoluída. É nele que se dão as escolhas e possibilidades que temos na Pós-Modernidade. Somos donos dele, o último espaço para afirmarmos nossa liberdade, nossa opinião e nosso self. Podemos, sobretudo, aperfeiçoá-lo – e é aí que residem as angústias dos nossos tempos. A noção de que o corpo pode e deve ser aprimorado, embelezado e rejuvenescido motiva as mais diversas práticas, que acompanham os progressos na medicina, na dietética e na estética. O corpo deste início de século XXI é a imagem de nossa cultura: plástico, descartável, mutável. Nessa concepção, tudo o que destoa é excluído. A gordura é o maior exemplo disso, pois contraria a pressa e a produtividade que tanto caracterizam nossos dias. Se o imaginário cultural nos impõe gestos, comportamentos, hábitos e até mesmo vícios para que o sujeito seja reconhecido como integrante de certo grupo, o corpo é o maior símbolo dessa inserção. A possibilidade de fabricar o corpo conforme o grupo no qual se deseja ingressar significa, ao mesmo tempo, liberdade e prisão. Podemos engordar, emagrecer, tingir cabelos, aumentar seios, reduzir culotes... a beleza nos pertence, mas, para isso, temos de mantê-la. Mais que isso: temos de desejá-la e aparentar felicidade, que é algo a ela intimamente associado. Ou seja: de dever social (se conseguir, melhor), a beleza tornou-se um dever moral (se realmente quiser, eu





consigo) (Novaes, 2006:29). O excessivo controle sobre nosso corpo pode, sim, deixá-lo mais atraente, mas corre-se o grande risco de inadequação e impotência diante das várias exigências sociais que enfrentamos no dia-a-dia. A impossibilidade de sentir-se bela e atraente e, assim, não desfrutar plenamente da sexualidade ou das novidades que a maternidade traz é algo custoso em nome do corpo da moda. O olhar do outro parece dominar a relação e justificar os mais diversos investimentos corporais – a exclusão social dos indivíduos obesos parece dar razão a isso. No entanto, é válida a importância que se dá a um corpo apenas plástico, sem história ou conteúdo? Até que ponto a experiência do corpo é modificada pela experiência da cultura? Até que ponto estamos dispostos a intervir no corpo em nome desse suposto bem-estar que a boa aparência traz? Em uma época cada vez mais dominada pelo consumo, pelos *selfies* e pelas imagens em alta definição, questões como essa parecem cada vez mais longe de respostas tranquilizadoras.

## Referências

- CASTRO, A. L. **Culto ao corpo e sociedade – mídia, estilos de vida e cultura de consumo**. São Paulo: Annablume, 2007.
- DEL PRIORE, M.; FREIRE, D.S. **O corpo feminino e o preço da inclusão na cultura contemporânea**. Mnemosine, Vol. 1, n. 1. Rio de Janeiro, 2009.
- FISCHLER, C. **Obeso benigno, obeso maligno**. In: SANT'ANNA, D. B. Políticas do corpo. São Paulo: Estação Liberdade, 1995. p. 69-80.
- LANDA, M.I.; LEITE Jr, J.; TORRANO, A. **Gestão da monstruosidade: os corpos do obeso e do zumbi**. In: BONELLI, M.G. e LANDA, M.D.V. (orgs). Sociologia e mudança social no Brasil e na Argentina. Compacta: São Carlos, 2013.
- LIPOVETSKY, G. **A terceira mulher**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- NOVAES, J.V. **Com que corpo eu vou? Sociabilidade e usos do corpo nas mulheres das camadas altas e populares**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Pallas, 2010.
- SANT'ANNA, D. B. **Políticas do corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.